

# Cultivo

**Josimey Costa da Silva**

Estava sentada na frente do espelho. O seu próprio rosto. Não reconhecia o seu próprio rosto. Era a mesma pele macerada pelos anos. A cicatriz no queixo, essa apareceu quando ainda era uma menina. Uma queda na piscina do clube. Nove pontos, sangue, choro. O abraço da mãe, o colo quente, envolvente. Sua mãe era gorda, o que dá aos filhos muitas vantagens. O abraço é mais completo, mais cálido, mais reconfortante. Como se os poros de quem é abraçado fossem preenchidos pela outra carne. Quase um coito. Mas os coitos dos adultos não são assim.

De quem era, então, aquele rosto estranho? O cabelo sempre havia sido fugidio. Ralo. Cabelo de bebê. Estava ali, na sua presença imponderável. Não era, no entanto, o mesmo cabelo. Que cor era aquela, cambiante desde tempos imemoriais?

Olhos, janelas da alma. Quando há uma alma. Talvez fosse esse vazio, transparecendo onde deveria haver luz e mensagens, o sucessor de olhos ausentes. Essa íris desbotada não poderia, não queria dizer nada. E mesmo que dissesse, não haveria ninguém para ouvir.

Cansaço. Há muito tempo, está sentada ali, contemplando um espelho mudo e pequeno. Por mais que tentasse, não consegui desviar a atenção daquele pedaço brilhante e oco de mundo. Os móveis, a porta do quarto, os próprios seios nus, a janela fechada, tudo estava ali. Tão perto e tão longe... Incompleto. A cama, muito próxima e muito abaixo do espelho para que o reflexo aparecesse. A sua existência fez-se rarefeita. Não está no espelho. E o que não está no espelho, não existe.

Talvez sejam necessários sete anos de azar.

\*\*\*

Os filhos cresceram tão depressa... E, apesar dessa velocidade, está perdida, em algum escaninho da memória, a lembrança de quando eram bebês. Onde estaria o dicionário "tibitate" das suas línguas infantis e estrangeiras? Quem sabe, se o tivesse guardado melhor, não haveria agora esse silêncio onde deveria haver filhos. Carnes de sua própria carne, carregando, onde possam ir, a mesma linguagem genética. Que ela não traduz mais. Perdeu a senha.

Um príncipe montado num cavalo branco. Moreno, alto. Ligeiramente cínico, desbocado e indolente. No lugar da cinderela desse príncipe, tão doce por fora, ela. Ele, por dentro, um tanto obscuro. Ela, solta. Lembrava-se desse sonho adolescente, que a levou a buscar, em todos os maridos que vieram depois, o mesmo príncipe. Que foi envelhecendo como ela. Mas nunca, jamais, ficando barrigudo. Talvez, um pouco calvo. Rugas. Menos romantismo. Mais sensualidade. Mas, sempre um príncipe. Se a imagem não correspondia ao molde, descartava a matéria prima imodelável. E buscava noutros homens o mesmo ídolo.

Por favor, vá assistir à nossa peça. Estamos promovendo o grupo, que é novo.

A voz penetrou, bruscamente, no devaneio. Que peça é? Ah, vocês têm um folheto... Cinderela? Que coincidência. Não, não é o meu nome. Eu estava pensando no príncipe... Como, atores transformistas? Todos são **gay**?

\*\*\*

O telefone toca irritantemente. Por que as fábricas não inventam alarmes suaves e melodiosos? É preciso atender. E se fora algum dos filhos, que há anos não diz nada? Ou o ex-marido, hoje pai de outros filhos, que, como ele, falam outro idioma? A campainha cessa. O peso enorme nas pernas travou qualquer movimento. Ainda olha o espelho. Escurece. O quarto vai sendo engolido pelo lusco-fusco, que a tudo obscurece mais que a noite fechada.

Faz frio. Insetos começam a sobrevoar a cama, zumbindo mais irritantemente ainda que o telefone. O espelho enquadra um rosto de emoções mumificadas. Uma máscara, em verdade. Na cômoda, sob o espelho, ela sabe que a chave de tudo repousa, imóvel. Mas esse torpor, esse estado de letargia que, por vezes, ocorre antes do sono, impede o passeio do olhar, a comprovação do que ela, em sua mente, sabe. Sabe?

Quando amanhecer, provavelmente, ela ainda estará ali. Olhando, sem ver, um espelho oxidado. As mãos, cruzadas sobre o regaço, estarão dormentes. Os pés, inchados pela posição incômoda. Acordará como de um longo sono. A rua ainda estará quieta como uma amante adormecida após o ato, com a maquiagem toda borrada e o sutiã enrolado no pescoço.

Sobre a cômoda, uma caneta esferográfica quase sem tinta, ocupa um cantinho esquecido. E o chão está cheio de papéis de carta rasgados. Os destinatários ficaram todos do lado de fora.